

Os «ex-votos» esculpturados do Museu Etnológico Português

*Faça-m'un açor d'aquesta (cera);
ca o quer'yr offercer . . .*

Afonso o Sábio, *Cantigas*.
Cant. CCXXXII.

Fiz já a descrição da série de «milagres» que o Museu Etnológico Português possui na sua secção etnográfica. Precedi êsse trabalho, de uma rápida apresentação etnográfico-histórica do significado tradicional do *ex-voto*, e em especial do retábulo figurativo que pelo nosso povo é conhecido com o nome de «milagre». Desnecessário seria fazer agora nova resenha em que procurasse colocar, na sua posição cronológica e sucessiva, o hábito cultural de oferecer aos habitantes do céu a prova concreta duma gratitude, que se exprime pelo encenamento das circunstâncias do socorro pedido e concedido.

A prática do *ex-voto* é pagã, adstrita, como está, à existência material e objectiva de quem implora, e da pessoa ou animal por cujo interesse a imploração é feita; assim também se dirige aos atributos e poderes materiais dos Santos invocados. Dos tempos pagãos nos vem pelos séculos fora essas crenças de particular devoção, que, imbuídas do mesmo intuito, se prendem na alma ingénua, e na passividade da sua imaginação e utilitarismo. E hoje, que a fé se abala em um redemoinho de inovações dispersivas e de scepticismo, o hábito cultural do *ex-voto* pagão perdura ainda.

Que o pedido tem toda a liberdade da imaginação e do interesse de quem o emite, é lógico; ora, como de todos os tempos também foi livre a escolha da natureza da oferenda, e, por esta razão, se encheram os templos antigos, como vemos nós que também acontece encherem-se os de nossos dias, com a maior variedade e número de cousas oferecidas em cumprimento de voto¹, também para os animais, companheiros, e comanditários até, do proletário, há o máximo direito de pedir o socorro divino, e exprimir o seu êxito; e, conforme essa espécie de contrato dual, de que não passa a oferenda do *ex-voto*, contrato entre quem pede com promessa e quem concede o favor, justo é que se apresente no templo do Santo protector a representação de todo o auxilio divino prestado. Por essa razão se encontram, a par de *ex-votos* que se referem a curas ou desastres incidentes em

¹ *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio s. v. «Donarium».

peçoas, as figurações de animais domésticos, que de milagres semelhantes beneficiaram. Estas representações ou são pictóricas ou esculturais: e as esculturas fazem-se de pau, de metal¹, ou de cera².

O *milagre* n.º 4 (cf. A colecção de «milagres», p. 162 d-*O Arch. Port.*, XIX), é um retábulo em que as protagonistas da pintura são dōze vacas perdidas, que *Nossa Senhora da Fonte* restituiu a José Joaquim, lavrador do Monte das Pozoas (Olivença)³. À Santa foi cumprida a promessa de celebração do seu favor, *ad perpetuam rei gloriam*, e então nesta se agrupam os animais reaparecidos⁴.

A colecção de figuras escultóricas de animais santamente protegidos, ou as de partes do corpo humano curadas por milagre, existente no Museu Etnológico, se não é numerosa, é, pelo menos, instrutiva; e caracteriza por si a expressividade popular do *ex-voto*, disposto no altar do Santo que prodigalizou as curas. Todos os objectos que vou descrever foram coligidos pelo Sr. Director do Museu.

Não deixa de ser curioso esboçar, pôsto que mui de largo seja, uma trajectória arqueológica do *ex-voto* animal, nos limites do nosso

¹ Êstes *ex-votos* metálicos foram de relêvo diverso, até mesmo laminares. De alguns exemplares portuguezes adiante se verá. Vid. a par dêstes, uns ídolos antropomórficos votivos de lâminas de bronze, provenientes das pesquisas de Norba (Regione I) na Itália, in *Atti della R. Accademia dei Lincei*, vol. I, série v, p. 450, n.º 9, e fig. 12; cf. fig. 2539, do *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, II, p. 375. No templo do deus *Endovellico* existiam estatuetas de prata; assegura-o a inscrição 128 do *Corpus*, II: *signum argenteum*. No Museu Etnológico Português, na colecção comparativa de etnografia estrangeira (e arqueologia), formada pelo Sr. Director com objetos que adquiriu nas suas viagens lá fora, há quatro *ex-votos* belgas de lata: um dêles é uma chapa que tem em relêvo uma criança enfaixada.

² Nem só os animais domésticos mostraram a sua iconologia nos altares católicos; igual dom se concedia aos domesticados, os quais de qualquer forma entravam na familiaridade e utilidade de seus proprietários. Assim, os açôres adregarã de ter neles o seu lugar. Os açoreiros que a meio da caçada viam o descaminho dos seus açôres iam fazer promessa aos Santos, e aparecido o transviado levavam por *ex voto suspecto* (E. V. S.) um açor de cera:

et de cera semellança leuov.

Cantigas de Santa Maria, 2.º, CCCLXVI.

Vid. mais informações nas *Cantigas de Santa Maria*, de Dom Afonso, o Sábio, ed. da Real Academia Española, Madrid 1889, 2 vols.: 1.º, · XLIV, · LXVI ·; 2.º, · CCXXXII, · CCC ·, · CCCLXVI, etc.

³ Pode ver-se a reprodução dêste *milagre*, em uma fotografatura publicada nas *Religiões da Lusitânia*, de J. Leite de Vasconcelos, III, p. 600, fig. 309. É o n.º 4 da colecção de *milagres*. O n.º 5 tem reprodução na página anterior.

⁴ Vid. «Milagres» n.ºs 1 e 10 da colecção.

país. Ficam de longe os *berrões* trasmontanos, com o seu carácter sepulcral¹, a par dos *toros* de Guisando e dos *perros* do Museu Nacional de Madrid, pertencentes uns e outros aos tempos protohistóricos. Convêm, já, lembrar os *ex-votos* zoomórficos dos deuses bárbaros *Endovellicus* e *Ataegina*, que os Romanos latinizaram. No espólio das oferendas, que os peregrinos levavam ao *numen loci* do escalvado outeiro de S. Miguel da Mota, aparecem algumas figuras de animais: em uma ara encontra-se, no reverso, um porco²; isolado, ver-se há quasi completo um porco de pedra; uma estátua decapitada mostra, na mão esquerda, uma ave que deve ser o galo ou a galinha, que na antiguidade clássica eram oferecidos a Esculápio³; numa outra lápide aparece a dianteira dum cão, talvez⁴. Da deusa *Ataegina*, a Prosérpina lusitano-céltica, de culto alargado entre os rios *Tagus* e *Baetis*, restam-nos três quadrúpedes de bronze, que representam cabras ou bodes, e, sem inscrição, se agrupam com dois de Cáceres que a tem; estão no Museu de Évora (Biblioteca Pública)⁵. Em relação com estas figuras há no Museu Etnológico uma colecção de cabras e bodes, que, de tipo mui chegado, apresentam um trabalho sumário, deveras curioso. Na Biblioteca Nacional há também uma cabra cujo tipo difere das anteriores, no tamanho e no estilo, como em outros pormenores. No Museu Etnológico figuram: o touro, e o javardo, do *Promonturium Sacrum* que, em grandeza natural, Estácio da Veiga reproduziu nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*, em est. XX e XXI do vol. IV. No «castro» de Santa Marinha do Zézere (concelho de Baião) appareceu um animal de pedra, que, mais grosseiro que os *berrões*, está no Museu de Guimarães. No Museu de Arte Antiga (Janelas Verdes), estão expostos na secção de ourivesaria alguns *ex-votos* de conformação animal, que, embora se aproximem de tipos citados, não sei ao certo se serão da Lusitânia. Nas *Religiões da Lusitânia*, III, 289-292, deve ver-se o *ex-voto* do Castelo de Moreira.

Nem todos estes exemplares, e outros parecidos, terão toda a certeza de *ex-votos*; todavia o seu carácter e valor cultural bem pode conceder-lhes tal valimento.

¹ *Religiões da Lusitânia*, III, 31-43. No Museu Etnológico Português estão os sete *berrões* do Olival, concelho de Moncorvo, próximo do *castelo* de Cabeça Boa. Igualmente está a *berroazinha* da Açoreira, concelho de Moncorvo.

² Vid. figs. d-*O Arch. Port.*, I, 45, ou *Religiões da Lusitânia*, p. 127.

³ *Religiões da Lusitânia*, III, 128, e fig. in p. 30.

⁴ Idem, III, 129. *A propos des chiens d'Epidaure*, op. de Henri Gaidoz, Paris 1884.

⁵ Vid. *O Arch. Port.*, I, fig. em pp. 298, 299-300; *Religiões da Lusitânia*, III, 171 e 172; e in *Atti della R. Accademia dei Lincei*, II, 5.^a série, p. 40.

Destinadas ao culto ou com êle ligadas, há outras figuras de animais; mas não eram oferecidas a deuses tópicos, ou de socorro local, antes serão tidos como atributos de divindades, ou ídolos, quer de individualismo próprio, quer alegórico de forças e fenómenos naturais, ou ainda insígnias militares; os animais funerários, as serpentes míticas¹, as moedas com gravados zoomórficos, como a de Salácia com o hipocampo, as insígnias militares (quadrigas, uma no Museu Etnológico; cavalo só, *Religiões da Lusitânia*, III, fig. 281; touro, *Idem*, II, fig. 58, tudo de bronze), estão neste caso. Igualmente assim é com os *tótemes* dos mortos; e eram escultóricos (*berrões*), ou gravados, como o porco da estela sepulcral lusitano-romana, de Agroselo².

Da época lusitano-romana, além dos *ex-votos* de Endovélico, romanizado, há outras figurações animais que aparecem nas aras (árlua de Balsa do Museu Etnológico, onde se vê uma pomba), em *cupas* (a das Alcaçovas, id., onde se vêem dois peixes). Em Beja, os bucrânios de mármore são memórias desta época³.

Pelos séculos fora, o *ex-voto* zoomórfico perdurou até hoje, como não podia deixar de ser, desde que se prolongou a mesma crença das curas milagrosas. E se antigamente eram com preferência de pedra e de bronze, hoje são especialmente de madeira ou de cera (às vezes com fitas ao pescoço), aparecendo todavia alguns de prata, como declaração de meios de fortuna e receio da desproporcionalidade da oferta. De açôres de cera já falei.

Numa notícia no *Anzeiger der Ethnologie des Ungarischen National-Museum*, III, 1, 1905, p. 45-47, podem ver-se, na fig. 2.^a, um porco, uma mula, um cavalo arreado e enfreado, de cera; diz-se, aí, da informação dum sacerdote que anunciou haver muitos *ex-votos* em Varsavar, lugar de célebres peregrinações na Hungria, os quais são oferecidos à Virgem pelos romeiros, para dela obterem a cura

¹ No Museu Etnológico Português há uma serpente de bronze, achada em Ferragudo (Portimão) por Estácio da Veiga. Vid. *Religiões da Lusitânia*, III, 520. Vêem-se outras nas estátuas de Mérida, p. 339-40, aqui porém relacionadas com o culto de Mitras, de vestígios lusitânicos apenas na Lusitânia espanhola. 16.335.

² *Religiões da Lusitânia*, III, pp. 440-441.

³ *Idem*, III, 514-518, com figs.—Na p. 504, a fig. 267 mostra uma ara algarvia que tem uma cabra, e, existente no Museu Etnológico, é oferecida a *Silvano*... De forma geral as imagens de animais consagrados a uma divindade, ou levados ao sacrificio, abundavam; é notabilíssima a série de *ex-votos* desta ordem, no Cabirion de Atenas. Vid. *Mith. Ath.*, XII, p. 270. Toda a escala irracional apparecia, desde a rã e a lebre até a fera das selvas, e os animais da imaginação mitologica (dragões, esfingé, etc.).

dos membros expostos, ou para lhe agradecerem a cura que deles lhes fez. Também se diz que o *ex-voto* animal pode ser gratulatório (de doença curada), ou símbolo de feliz fecundação dos animais, que são de cera pintada de vermelho ou verde, ou unicamente da cor da cera; isto juntamente com outros *ex-votos* também de cera, crianças, casas (primeira intenção de seguros contra incêndios), etc.¹

I.—Representação de membros e órgãos do corpo humano

1. BRAÇO ESQUERDO E MÃO.—A obra é rude de observação e de feitura; o golpe vê-se irregular e grosseiro; ficou o cotovêlo junto do pulso, os dedos mal aparados, as unhas definidas por uns cortes, a superfície desalisada; é uma só peça, a que porêm se ajuntou o polegar, que foi seguro com um prego. É feito de madeira de eucalipto, e mede 0^m,393 de comprimento. Procede de Lamas, Sátão, onde fôra oferecido à imagem de Santo Amaro, advogado dos membros quebrados (dos *aleijões*). Tem o n.º 5:499 de catálogo.

2. MÃO ESQUERDA.—Menos grosseiro que o antecedente, e mais aperfeiçoado no talhe, êste trabalho é feito de uma só peça; os dedos são afastados regularmente, cônicos e lisos, com as unhas golpeadas com precioso escrúpulo. É de casquinha, e mede 0^m,26 de comprimento. A procedência é a mesma do exemplar anterior. Tem o n.º 5:500 de catálogo.

3. MÃO DIREITA.—A feitura é regular, com o seu corte liso, mas o exemplar é grosseiro: dedos quási iguais, superfícies chatas. É de casquinha, e mede 0^m,195 de comprido. Veio de Sátão. Tem o n.º 5:501 de catálogo.

4. PERNA ESQUERDA E PÉ.—O trabalho é rude, a modelação grosseira, o corte inexperiente, com a mesma grossura de alto a baixo. Os dedos dos pés são marcados pelos quatro intervalos, que outros tantos golpes verticais definem. É tudo de uma só peça de madeira de amieiro, que mede 0^m,245 de altura, com um pé de 0^m,12 de comprimento. Veio de Sátão. Tem o n.º 5:502 de catálogo.

5. PERNA DIREITA E PÉ.—O talhe é contínuo e regular. A perna engrossa do artelho até uma protuberância dianteira, a custo perceptível, que é o joelho; e tem atrás, um pouco abaixo, uma segunda

¹ Ofereciam-se, em *ex-votos*, reduções de templos: edículas. Vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio, I, 94, e II, 376. Vid. também nas *Religiões da Lusitânia*, II, 137-138, notícia da inscrição do *ex-voto* estatuário, de um paralítico, a Endovélico (fig. 10), onde se encontra o VOC. AEDEOLV=AEDEOLVM < > *aediculum* ou *aedicula* → edícula.

protuberância bem notável, que é a bossa dos gémeos. Os dedos dos pés estão marcados como no n.º 4, mas o pé já mostra um contôrno curvilíneo bem observado. É de madeira dura, e forma-se de uma só peça, que mede 0^m,115 de altura, com um pé de 0^m,057 de comprimento. Veio de Sátão. Tem o n.º 5:503 de catálogo.

6. PÉ DIREITO.—É o exemplar melhor trabalhado; está bem liso e talhado, e quem o fez, embora com modelação rudimentar, já tinha alguma observação de forma, e prática segurança de corte; no artelho é cortado à maneira das fôrmas de sapato, pelo que deve ter sido feito, êste exemplar, por algum operário ou amador dado ao fabrico dessas fôrmas, ou dêle conhecido. Os dedos são divididos, e o corte das unhas é feito como no *ex-voto* n.º 2. De uma peça inteira, é feito de pau de amieiro, e mede 0^m,23 de comprimento. Procede de Sátão, como todos os exemplares anteriores. Tem o n.º 5:504 de catálogo.

7. ÔLHO.—Tem a forma de um losango, com dois dos vértices rombos. Tem inscrito outro losango, que tem por lado uma série de pontos, para indicar as pestanas. No interior vê-se a íris na forma de um semi-glóbulo em relêvo. É de lata, mede nas duas diagonais: 0^m,026 e 0^m,013. Ao meio do lado superior tem um orifício de suspensão. Tem o n.º 5:505 de catálogo.

8. DOIS OLHOS.—Estão talhados e relevados na mesma fôlha de lata. Não tem divisão, tocam-se pelas comissuras internas. O ponteado da figuração das pestanas não delimita cada olho, mas sim o conjunto dos dois. Tem um apêndice minúsculo, e pode ser a indicação do nariz. Na parte superior, ao centro, há uma aselha de suspensão. A peça tem 0^m,04 de extensão. Tem o n.º 5:506 de catálogo.

9. DOIS OLHOS.—Esta peça, que mede 0^m,048 de largura e 0^m,011 de altura, é mais perfeita do que as antecedentes. Os dois olhos são elípticos, tem íris e pupila, separam-se pelo seu desenho e por uns enfeites lineares em relêvo, que se colocam simétricamente acima e abaixo do ponto onde se cruzam, isto é, entre as comissuras internas. A peça é de lata. Tem o n.º 5:507 de catálogo.

Nota.—Os exemplares n.ºs 7, 8 e 9 foram oferecidos a uma imagem de Santa Luzia, advogada das doenças dos olhos.

10. DOIS OLHOS.—Êste *ex-voto* é de prata; mede 0^m,046 de comprimento, e 0^m,023 de alto. Em uma chapa foi cortado um losango duplo, os complementares opostos pelos ângulos agudos, e apenas não concluída a separação perfeita pelo dispositivo dum apêndice inferior que figura a parte superior do nariz: os ângulos maiores arredondados completam o desenho dos olhos. Uma orla de traços gravados circunda completamente os dois olhos para formar as pes-

tanás. A fris é um anel levantado no metal; a pupila um ponto erguido a punção. Segura-se por uma aselha oposta ao nariz. Provêm de Portalegre. Tem o n.º 5:481 de catálogo.

11. DOIS OLHOS.—É um exemplar curioso. Forma-se duma chapa de prata, com 0^m,08 de comprimento, e 0^m,053 de altura; os olhos, colocados ao centro da chapa, estão separados pelo nariz, que em saliência se desenvolve por inteiro. Os olhos oblongos são levantados em relêvo, e a pupila é retraída; orla-os uma elipse irregular de traços paralelos riscados em figura erguida no metal; igual desenho tem as sobranceiras, ligadas no cimo do nariz. A margem da chapa é recortada com fantasia, simétricamente; decoram-na seis rosetas quadrifólias; um ziguezagueado miúdo contínuo borda toda a orla. Provêm de Portalegre. Tem o n.º 5:482 de catálogo.

12. TESTÍCULO.—É de prata, e tem um anel para suspensão, onde pode ainda ver-se uma fita de sêda côr de telha. Foi oferecido a S. Gonçalo de Amarante, advogado dos males genésicos. Tem o n.º 5:508 de catálogo.

13. GARGANTILHAS.—(Tinham habitualmente a medida do pescoço da doente por quem se intercedera):

1) uma de madeira, metida em uma fita de sêda côr de rosa, enrolada seguidamente e atada com um nó; é formada por uma argola, que tem de diâmetro interno 0^m,112 e de diâmetro externo 0^m,141, em vista do que deve ter servido a uma criança. Provêm da Boa-Nova (Terena)¹. Tem o n.º 5:509 de catálogo;

¹ Esta igreja da Senhora da Boa-Nova, junto de Terena, no concelho do Alandroal, data do séc. XIV; D. Afonso X, o Sábio, celebra já, nas suas *Cantigas de Santa Maria*, em galego, os milagres de Santa Maria de Terena, no séc. XIII:

á un logar mui'onrrado
et Terena chamam ý...

Logar mui sant'aficado
ú muitos miragres faz
.....

(2.º, CCXXXIII)

...Terena os leuaron enton,
que logar este de mui gran deuçoön.

(2.º, CCLXXV)

Vid. *O Arch. Port.*, x, n.ºs 10 e 12, p. 338 sgs., 1905, artigo de J. Leite de Vasconcelos; ou *Cantigas de Santa Maria*, de D. Afonso, o Sábio, ed. da Real Academia Española, Madrid 1889, 2 vols. (cantigas: · OLXXXVII a · CLXXXIX, · CCXIII, · CCXXXIII, · CCLXXV, etc.).

2) uma de arame, com uma fita de côr alaranjada; irregular, com o diâmetro aproximadamente de 0^m,09; teria sido de uma criança, também; provêm da Boa-Nova. Tem o n.º 5:510 de catálogo;

3) uma de renda rústica de malha quadrada, com uma fita de sêda côr de rosa, que em zigue-zague entra e sai das malhas, até ser apresada por uma segunda fita, roxa, disposta em cruz. Mede 0^m,115 de meio comprimento (está dobrada e cosida pelos extremos) e 0^m,03 de largura da faixa de renda. Tem o n.º 5:511 de catálogo;

4) uma de fazenda de algodão vermelho, fechada como a antecedente, com 0^m,135 de meio comprimento e 0^m,042 de largura; lê-se nela a legenda que se segue, em letras amarelas maiúsculas do tipo de imprensa, feitas a ponto cruzado segundo os cadernos de modelos muito usados nas marcas siglares, caseiras, do povo, e dispostas em duas linhas:

MILAGRE . QE FES . SÃO . BRAS . AMARIA . CLARA . DE SANTO . AMARO .

As últimas letras estão, por falta de espaço, acavaladas na segunda linha. Provêm do Alentejo(?), de qualquer templo de S. Brás, advogado das moléstias da garganta. Tem o n.º 5:511 de catálogo¹.

II. — Indicação de moléstias

1) uma *muleta* simbólica, de casquinha, de 0^m,215 de comprimento, com o fuste liso e delgado; a sovaqueira tem 0^m,09 de largo; é bem trabalhado êste exemplar; provêm do templo de S. Brás, em S. Tiago de Cacêm. Tem o n.º 5:512 de catálogo;

2) uma *tigelinha* de louça, de esmalte rosado, com desenho azul de palmitos de folha olivar dispostos em zigue-zague, e limitado o espaço por uma faixazinha perimetral, também azul, logo abaixo do bordo; foi levada à Senhora do Fastio, que se venera na capela do Paço Episcopal de Viseu. Tem o n.º 4:490 de entrada;

3) uma *colher* de pinho, com 0^m,185 de comprimento, mal feita; tem a mesma procedência do exemplar anterior; e teve a mesma utilização, que é a que se depreende da Santa invocada;

4) uma *colher* de fôlha, com 0^m,18 de comprimento; tem, na parte mais larga do cabo, um coração feito em relêvo; procede da Capela da Senhora do Fastio, como os exemplares anteriores;

¹ Entre os *ex-votos* dos Romanos figuravam, como admissível era, reproduções dos órgãos genitais, ao lado de olhos, orelhas, seios, etc. Foi encontrado em Delfos um *phalus*, de grande tamanho. Vid. no *Corpus inscr. att.*, II, 766. Também appareceu boa collecção de *ex-votos* dêste género, perto de Velletri, na Via Apia (*Atti della R. Accademia dei Lincei*, II, 5.ª série, p. 40).

5) duas *colheres* iguais à antecedente e da mesma proveniência, mas só com 0^m,137 de comprimento.

N.B. Estes quatro exemplares (2-5) tem o mesmo número de entrada, porque estão reúnidos em um mesmo cartão, que indica a mesma proveniência, e lhes atribui um número de lançamento igual.

III.—Representação de animais domésticos

1) um *suíno*, feito de uma só peça de madeira dura e compacta, a que se adicionaram quatro patas, também de madeira. Na sua rudeza, é de realismo curioso. O corpo, com 0^m,26 de comprimento, é cilíndrico, de secção vertical elíptica; adelgaça-se para a frente, formando o pescoço, e para a retaguarda para descambar na rabadilha. A cabeça tem 0^m,12 de comprimento, os olhos são formados por dois cortes oblíquos de dentro para fora, e de cima para baixo; a boca está aberta por um lanho de corte triangular; as orelhas estão recortadas em coiro, e, pregadas no topete, descaem para a frente. A rabadilha termina por uma cauda de coiro, segura por um prego; esta cauda fecha um sulco fundo, que figura a divisão das nádegas. As pernas estão muito longe da sua colocação normal, e são feitas de um pau aparado e liso. A meio do ventre tem uma leve protuberância, que quer representar o órgão genital. O *ex-voto* tem a altura de 0^m,16. Foi oferecido á imagem do Senhor dos Affitos, num santuário ao pé de Lamas (Sátão). Tem o n.º 5:513 de catálogo;

2) um *suíno*; de madeira, de trabalho muito curioso, pelo feitio e pelo carácter primitivo da configuração do animal. Num pedaço de pau, com 0^m,20 de comprimento, recortou-se à frente um focinho sobrepujado de umas grandes orelhas, próximas, aguçadas e dirigidas para a frente; a cabeça desenvolve-se com a curva característica e muito reintrante, que se ergue ao fundo para a tromba; tem a fauce arreganhada, e os olhos não são cavados, nem sequer representados pelo esforço do artista, porque elle aproveitou de um e outro lado um redemoinho capiliforme da madeira. O corpo ocupa o restante espaço, deixado pela cabeça, e que apenas será um terço da peça; ficou com o corte paralelipédico, um pouco arredondado nas arestas longitudinais; atrás, a rabaça é cortada verticalmente, e tem o sulco das nádegas figurado e não fechado com cauda. Assim, o animal, com uma cabeça de 0^m,10 de comprimento, caída das orelhas, e pôsto sobre quatro patas, como as do n.º 1, que lhe dão a altura máxima, nas orelhas, de 0^m,148, parece um focinho com patas. Provém, como o exemplar n.º 1, de Lamas. Tem o n.º 5:514 de catálogo;

3) um *suíno*, de uma peça alongada, de madeira, com 0^m,28 de comprimento, tem uma cabeça inclinada e quasi rojante, da extensão de 0^m,11. O trabalho é grosseiro. A bôca aberta, rasgada, e os olhos esburacados, o animal mostra mais na cabeça uma orelha de coiro e o sitio da outra. Tem cauda de coiro, segura com a ajuda de um prego, a qual fecha a divisão das nádegas. As patas são iguais às dos exemplares antecedentes; dão a altura de 0^m,13. Veio também de Lamas (Sátão). Tem o n.º 5:515 de catálogo;

4) uma *vaca*, de uma só peça de madeira, com 0^m,33 de comprimento e 0^m,125 de altura, incluídas as pernas, em tudo iguais às dos exemplares antecedentes: o tronco tem 0^m,14 de extensão e é cilíndrico; adelgaça-se para formar o pescoço, e achata-se para a rabadilha. A cabeça apresenta-se grossa, rectangular, com dois olhos que são dois buracos; outros dois orifícios, que são os condutos auditivos, tapados pelas orelhas de coiro; ainda outros dois buracos, abaixo das orelhas, nos quais estiveram os cornos; o focinho vê-se aberto, e nele há, cavadas, as duas narinas. A cabeça tem o desenvolvimento de 0^m,087. O sulco vertical, que rasga as nádegas, é fechado por uma cauda de coiro; está cavado o ânus, e por cima da inserção da cauda nota-se a abertura do órgão genital da fêmea; no ventre há quatro mamas, dispostas em rectângulo, as duas primeiras entre os membros traseiros. Veio de Sátão. Tem o n.º 5:516 de catálogo.

IV.—Aditamento. Representação de símbolos cristãos

Todo o oferecimento é genuíno, sabido, como está, ser lícito depôr toda a oferta; mas, quando não se refere a uma dor física, localizada, mas sim a um sofrimento moral, abstracto, ou exprime como que uma prece material, ou oração visível, ela é simbólica. É lógico, e é genuíno sentir, encontrar neste simbolismo a fé cristã. Vê-se nos dois exemplares que seguem, e provêm da capela de Nossa Senhora do Rosário, na Herdade da Comenda da Igreja, no concelho de Montemor-o-Novo:

1) uma *cruz* de madeira, colocada sobre uma peanha de cortiça, com três degraus; o degrau superior tem na limieira um losango, repartido pelas diagonais, gravado à navalha, e no espelho do mesmo degrau um zigue-zague, acompanhado de uma roseta; a altura total é de 0^m,225. Tem o n.º 5:517 de catálogo;

2) um *calvário*, de três cruces, que tem a mesma peanha de cortiça, mas recortada por cima e por baixo, numa representação das ondulações do cabeço do Gólgota; como esta base não pode servir de apoio,

seria a peça colocada na parede, para o que porêm não mostra dispositivo de suspensão, ou encostada; tem a altura máxima de 0^m,242. Tem o n.º 5:518 de catálogo.

Em Portugal, como em toda a Europa Meridional (católica), e em França, principalmente no Franco-Condado, encontram-se, em desca-minhos largos, a proteger cousas e pessoas no descampado, pequeninas imagens de santos, que se aplicam em uma árvore ou em um marco, formando-se desta forma um santuário ao ar livre, junto do qual se de-põem oferendas. Aí aparecem *ex-votos*, sobretudo de madeira. Chamam os Italianos a êste santuário *Pietà*, e os Franceses *Dieu de Piété*¹.

LUÍS CHAVES.

Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana

Por mais de uma vez os meus bons amigos Srs. Joaquim Cor-reia Bâtista, de Alcácer do Sal, e Dr. Manuel Mateus, de Grândola, me haviam convidado, aquele a voltar a Alcácer, e êste a ir fazer uma visita a Grândola, aonde eu nunca fôra.

Tendo-se malgrado alguns projectos de viagem, por causa das minhas muitas occupações, pude finalmente, em Dezembro de 1905, corresponder a tam penhorantes convites.

Parti de Lisboa em 26 para Alcácer do Sal, indo em minha compa-nhia Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Etnológico². Em 30 o Dr. Mateus veio esperar-nos àquela vila, e com êle seguimos para Grândola. Em 4 de Janeiro, como eu desejava muito ver S. Tiago de Cacem e Sines, continuei a viagem até lá com Gameiro, regressando ambos, outra vez por Grândola e Alcácer, a Lisboa em 11 de Janeiro.

Nestes 19 dias vi vários monumentos, fiz escavações, e adquiri muitos objectos. Vou aqui dar de tudo isto conta resumida³.

¹ Cf. *registos* da Senhora da Toca. Está a imagem no cavado de um tronco aí pela altura da inserção dos primeiros braços. O nome da Santa ficou assim por autonomasia. Vid. Bluteau, *Vocabulário Português*, s. v. «toca».

² Falecido já depois de começado a escrever êste artigo. Dos seus méritos artísticos, e serviços prestados no Museu, fez justa menção Saavedra Machado n-*O Arch.*, *Port.*, xix, 188-189.

³ De Grândola fiz uma excursão ao concelho de Ferreira. Mas como êste concelho não fica na Extremadura Transtagana, e sim no Alentejo, ponho em apêndice ao cap. II a narração respectiva.—De algumas das minhas acquisições já falei n-*O Arch. Port.*, x, 379-380, e xi, 90.